

Capítulo XIX - DE VOLTA ÀS PROXIMIDADES DO BATEAU

A minha tese com conotações otimistas, construída com a plena convicção de que Ana sabia nadar, e teria se salvado, chegando com os outros náufragos à traineira, havia desmoronado, dando lugar a um denso sentimento de preocupação em relação à sua sobrevivência. Afinal, eu tinha me dedicado a procurá-la com afinco nas imediações do Bateau e decidira abandonar as buscas naquela área após concluir, com a calma possível, considerando o quadro de ansiedade reinante, que ela não se encontrava entre os náufragos que não sabiam nadar ou que foram acometidos por um estado de choque decorrente da súbita queda no mar escondido em penumbra.

Frise-se que eu estava vivenciando momentos de crescente complexidade mental no naufrágio. Ao mesmo tempo em que outra tentativa de localizar Ana havia se mostrado infrutífera, eu não tinha como deixar o mar, de maneira menos cansativa, porque nenhum barco com a clara intenção de prestar socorro, além da superlotada traineira, havia chegado ao local do desastre.

Sem qualquer dúvida, permanecia na minha mente a alternativa de nadar sozinho até a praia Vermelha e me salvar daquele inferno que só crescia em suas dimensões trágicas. Mas, pelos princípios de responsabilidade que assumi desde que nos separamos ao cair no mar, eu interpretava como um gesto de covardia resolver somente a minha expectativa de sobrevivência, sem esgotar todas as possibilidades de encontrar Ana.

Para tomar novas decisões, eu precisava reavaliar as minhas condições físicas, pois qualquer sintoma de cansaço comprometeria novos deslocamentos no mar. Concluí que as minhas reservas energéticas eram suficientes para permanecer nadando por mais tempo. Assim, construí um novo objetivo: eu precisava checar, definitivamente, se Ana estava entre os sobreviventes que tinham conseguido permanecer nas proximidades do barco, ao invés de nadar até à traineira.

Capítulo XIX - DE VOLTA ÀS PROXIMIDADES DO BATEAU

Na realidade, eu não pretendia esconder de mim mesmo que aquela decisão se caracterizava por conter um destacado viés paliativo, pois eu já estivera nas proximidades do casco do Bateau Mouche, procurando-a durante um bom tempo. Mas, considerando que o foco principal das minhas ações dentro d'água era encontrar Ana, retornar ao epicentro do naufrágio era a opção que melhor unia a disponibilidade de tempo que dispunha, devido à falta de um barco seguro para me socorrer, e as minhas condições físicas ainda em nível satisfatório.

Tomada a decisão, durante o caminho de volta ao Bateau, de forma progressiva, a minha preocupação transformava-se em um certo desânimo que se expressava na maneira como eu estava nadando: um ritmo notadamente mais lento, em comparação com a velocidade que imprimi no trajeto de ida, do barco para a traineira. Embora não estivesse se construindo de forma tão nítida na minha mente, eu começava a experimentar os primeiros sintomas de um sentimento de culpa por ter trazido a minha namorada para um passeio, cujo trágico resultado, até aquele momento, era o seu desaparecimento no mar.

Ainda um pouco afastado do Bateau, notei que o número de pessoas dentro d'água era bem menor do que eu havia registrado em minha memória enquanto procurava Ana entre os naufragos na primeira incursão na área. O resultado desse vazio – onde agora predominavam objetos e detritos de tamanho reduzido boiando – era um cenário desolador, pois, para mim, ele representava, de uma certa forma, a ausência de vidas que, pouco tempo atrás, compartilhavam as mesmas esperanças de sobreviver ao desastre.

Como decorrência do número ínfimo de pessoas que se mantinham no entorno do Bateau, os gritos de socorro tinham praticamente cessado e, de vez em quando, ouvia-se somente murmúrios, gemidos ou palavras soltas, desconexas.

O Bateau Mouche estava agora emborcado, flutuando de maneira a mostrar somente a parte inferior do casco. Quando cheguei mais próximo, pude perceber que alguns sobreviventes, exaustos, conseguiram superar as dificuldades para galgar as laterais do barco e permaneciam imóveis, todos deitados no fundo branco do Bateau, que virara uma prancha gigante de salvamento.

Capítulo XIX - DE VOLTA ÀS PROXIMIDADES DO BATEAU

De forma similar à primeira vez em que estive na parte mais conturbada do naufrágio, os chamados pelo nome de Ana não obtiveram a resposta que me traria o mais que desejado alívio na alma. Como na maior parte do tempo, desde que me reaproximei do barco, predominavam sons de baixa intensidade que não interferiam diretamente na possibilidade de audição dos meus gritos, concluí que não adiantava mais insistir nesse tipo de procedimento.

Restava-me então, tentar identificar entre os sobreviventes que conseguiram alcançar o fundo do Bateau, uma mulher que estivesse usando uma roupa azul. Eram pouco mais de dez pessoas espalhadas pelo casco que ainda permanecia acima da superfície da água. Iniciei o contorno de uma parte do perímetro do barco que eu conseguia identificar na penumbra, com o objetivo de ter todos aqueles náufragos no meu campo de visão, pelo menos por um instante. E o resultado, mais uma vez, foi lastimável: todas as pessoas vestiam roupas em tons claros, a maioria de branco, e com toda a certeza, não havia nenhuma mulher usando um vestido azul.

Mantendo-me na superfície, praticamente parado no mesmo lugar, ao lado do Bateau Mouche quase todo submerso, eu tentava iniciar um diálogo com Deus, para expressar o meu desespero por estar vivendo aqueles episódios tão cruéis. Lembrei muito rapidamente, que nós dois já estávamos no interior do Bateau Mouche III, quando eu, movido por uma inspiração trivial, em busca de um lugar mais confortável, sugeri que retornássemos ao Bateau IV para embarcar. Entre os conflitos que ecoavam nos meus pensamentos, indaguei se essa escolha aleatória, que nos colocou como protagonistas de um naufrágio improvável, seria alguma forma de penitência ou eu havia sido escolhido para vivenciar aqueles momentos de expiação, como algo mais individualizado?

Para tornar mais difícil a identificação sobre qual seria a melhor atitude a tomar a partir de mais uma constatação de que Ana permanecia desaparecida no mar, não havia nenhum sinal, para onde quer que olhasse ao meu redor, de algum barco se aproximando para prestar socorro.

De onde eu estava, percebi que a traineira ainda permanecia praticamente imóvel. Interpretei que a falta de consenso a bordo entre tripulação e sobreviventes ainda predominava, dificultando a tomada de decisão a respeito do que fazer e para onde ir.

Capítulo XIX - DE VOLTA ÀS PROXIMIDADES DO BATEAU

Eu passei a avaliar uma nova decisão que em situações de plena tranquilidade poderia parecer absurda, mas que, naquelas condições, estaria plenamente justificada diante da incontrolável ansiedade de encontrar Ana: retornar à traineira, tentar me aproximar um pouco mais da embarcação e envidar meus últimos esforços para que ela me ouvisse.

Se, de novo, nada do que eu estava planejando se tornasse realidade, não teria outra alternativa a não ser dar como encerrada a minha busca e nadar em direção à praia Vermelha.

Essa decisão recém-construída estava quase se consolidando na minha mente, quando um fato novo, e surpreendente, fez renascer as esperanças de ter Ana novamente em meus braços.